



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**  
**CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:**  
**CIÊNCIAS NATURAIS, MATEMÁTICA E CIÊNCIAS AGRÁRIAS**  
**CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL**

**EVANIA GOBBI**

**ESCOLA DO CAMPO: OS DESAFIOS APRESENTADOS A PARTIR DA**  
**EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO JOANY GUILHERME DE LIMA E DA**  
**COMUNIDADE DE PASSO LISO**

**LARANJEIRAS DO SUL 2024**

**EVANIA GOBBI**

**ESCOLA DO CAMPO: OS DESAFIOS APRESENTADOS A PARTIR DA  
EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO JOANY GUILHERME DE LIMA E DA  
COMUNIDADE DE PASSO LISO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciada no Curso de Graduação Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Naturais, Matemática e Ciências Agrárias, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Laranjeiras do Sul – PR.

**Orientadora: Prof. Dra. Ana Cristina Hammel**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Gobbi, Evania

ESCOLA DO CAMPO: OS DESAFIOS APRESENTADOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO JOANY GUILHERME DE LIMA E DA COMUNIDADE DE PASSO LISO / Evania Gobbi. -- 2024.

38 f.:il.

Orientadora: Dra Ana Cristina Hammel

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Naturais, Matemática e Ciências Agrárias, Laranjeiras do Sul, PR, 2024.

1. Educação do Campo. 2. Práticas Pedagógicas. I. Hammel, Ana Cristina, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

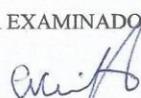
EVANIA GOBBI

**ESCOLA DO CAMPO: OS DESAFIOS APRESENTADOS A PARTIR DA  
EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO JOANY GUILHERME DE LIMA E DA COMUNIDADE  
PASSO LISO**

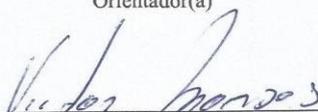
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências Naturais, matemática e Ciências Agrárias da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Laranjeiras do Sul, como requisito para a obtenção do título/grau de Licenciada em Educação do Campo: Ciências Naturais, matemática e Ciências Agrárias – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: **03/07/2024**

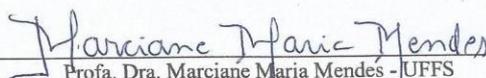
BANCA EXAMINADORA



\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Ana Cristina Hammel – UFFS  
Orientador(a)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Vitor de Moraes – UFFS  
Avaliador(a)



\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Marciane Maria Mendes - UFFS  
Avaliador(a)

## **ESCOLA DO CAMPO: OS DESAFIOS APRESENTADOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO COLÉGIO JOANY GUILHERME DE LIMA E DA COMUNIDADE DE PASSO LISO**

### **RESUMO:**

O presente trabalho tem por objeto de estudo o Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima, considerando os aspectos sociais da comunidade e de seu entorno, procurando identificar como a realidade do estudante é incorporada nas práticas pedagógicas da escola, bem como, perceber o valor e o significado das raízes camponesas e o diálogo com os princípios da Educação do Campo nessa escola. O Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima está localizado na comunidade de Passo Liso município de Laranjeiras do Sul/PR. A pesquisa busca a partir dos princípios da Educação do Campo estabelecer uma interconexão entre a realidade da comunidade e as práticas educativas realizadas no colégio. Para tanto, a metodologia utilizada é de natureza qualitativa e bibliográfica, com realização de entrevistas semiestruturadas com a comunidade, estudantes, antigos professores. O trabalho foi sistematizado em três momentos, sendo que o primeiro se apresenta o conceito de Educação do Campo, enquanto construção social e cultura das comunidades camponesas; o segundo a história da comunidade e o histórico do colégio, e o terceiro as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola, diálogos e princípios, matrizes da Educação do Campo.

**PALAVRA CHAVES:** História, Educação do Campo, Sujeitos.

### **ABSTRACT:**

The present work has as its object of study the Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima, considering the social aspects of the community and its surroundings, seeking to identify how the student's reality is incorporated into the school's pedagogical practices, as well as realizing the value and the meaning of peasant roots and the dialogue with the principles of Rural Education in this school. Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima is located in the community of Passo Liso, municipality of Laranjeiras do Sul/PR. The research seeks, based on the principles of Rural Education, to establish an interconnection between the reality of the community and the educational practices carried out at the school. To this end, the methodology used is qualitative and bibliographic in nature, with semi-structured interviews carried out with the community, students and former teachers. The work was systematized in three moments: the first presenting the concept of Rural Education, as a social construction and culture of peasant communities; the second the history of the community and the history of the school, and the third the pedagogical practices developed at school, dialogues and principles, matrices of Rural Education

**KEY WORDS:** History, Rural Education, Subjects.

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa foi desenvolvida no Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima, localizado em Passo Liso, a 18 km do Núcleo Regional de Educação de Laranjeiras do Sul, Paraná. Seus objetivos são conhecer o histórico de construção da comunidade e do colégio e entender a realidade dos estudantes e as especificidades dos sujeitos pertencentes ao colégio e sua realidade no campo. Busca-se compreender como as práticas pedagógicas dialogam com os princípios da Educação do Campo, visando à formação integral do ser humano a partir de concepções e fundamentos que consideram a história e a luta por direitos, como cidadania, terra, educação, cultura e comunidade.

O interesse pela pesquisa decorre da inserção como acadêmica do Curso Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Naturais, Matemática e Ciências Agrárias – Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Laranjeiras do Sul/PR. Durante a graduação foi possível adentrar em questões relacionadas à Educação do Campo, as quais levou-me a questionar como as escolas que atendem os estudantes camponeses dialogam com a produção teórico-metodológica da Educação do Campo.

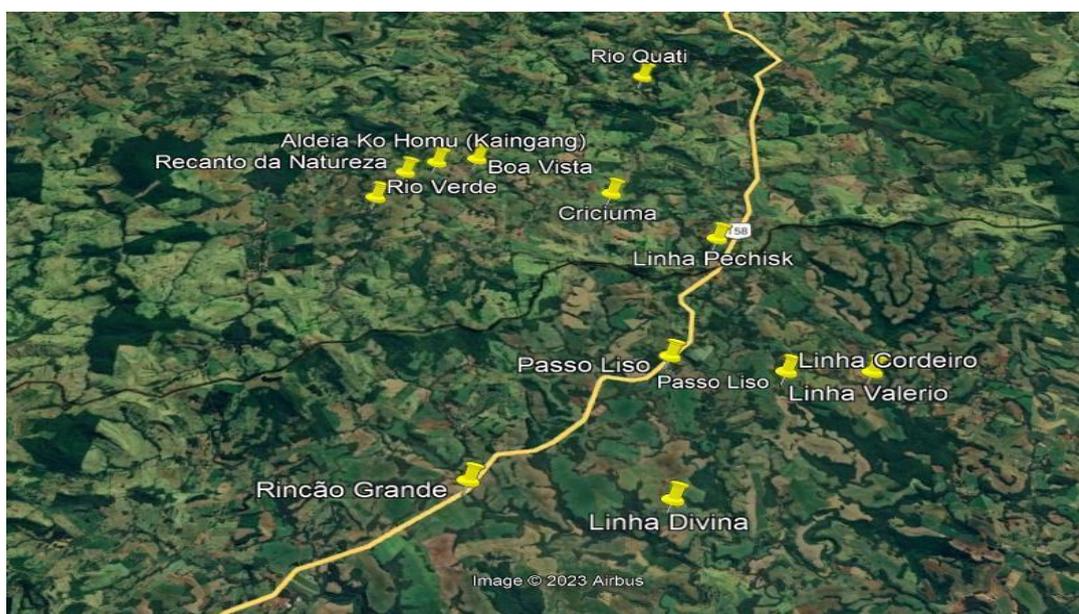
O convívio no colégio Joany Guilherme de Lima, cabe destacar que fui estudante da escola e concluí o ensino primário ali, a aproximação com professores/as e estudantes, em programas como Programa Institucional de Bolsistas de Iniciação à Docência (PIBID) e Residência Pedagógica (PRP) e também por meio dos Estágios Curriculares Supervisionados, tive a oportunidade de desenvolver atividades e ações voltadas à educação do campo, o que me deu a oportunidade de estar no dia a dia convivendo com a escola e a comunidade, observando e problematizando a realidade, o que instigou a necessidade de investigar, estudar e sistematizar por meio da pesquisa, como os princípios e fundamentos da Educação do Campo perpassam as práticas pedagógicas na referida escola e atende dessa forma as necessidades das comunidades do seu entorno.

Esta pesquisa adota uma abordagem documental, com coleta de dados da comunidade e dos sujeitos do colégio. Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo, buscando compreender as mediações e concepções dos fundamentos que constroem a comunidade com base nos princípios filosóficos e metodológicos da Educação do Campo e as questões relacionadas à comunidade rural e ao público que frequenta a escola, visando aprofundar o tema sobre os desafios encontrados pelos sujeitos do campo, tanto no colégio quanto na comunidade.

O colégio está localizado numa comunidade camponesa e atende também a estudantes indígenas da aldeia Passo Liso. Identificar como a Educação do Campo perpassa o trabalho pedagógico, requer reconhecer a educação do campo enquanto uma modalidade de ensino voltada para as populações rurais que tem como objetivo dar possibilidades a crianças e jovens de desenvolvimento integral, que respeite e dialogue com a cultura, e os valores dos sujeitos que ali vivem.

O mapa situa a comunidade Passo Liso, onde se encontra o colégio, e as comunidades em seu entorno, a maioria vizinhas da referida comunidade, as quais tiveram as escolas fechadas, sob a alegação do baixo número de estudantes. Esses estudantes são deslocados para o colégio Joany Guilherme de Lima, por meio do transporte escolar.

Figura 9. Localização da comunidade da Comunidade Passo Liso e entorno - 20/10/20



Fonte: Google Earth Pro 2023, Jose Victor Gobbi Toffoli com a colaboração de Salatiel Civa.

No mapa podemos observar as 11 comunidades do entorno do colégio Joany Guilherme de Lima sendo as comunidades da Linha Divina, Rincão Grande, Linha Valério, Linha Cordeiro, Linha Pechisk, Criciuma, Boa Vista, Rio Verde, Recanto da Natureza, Aldeia Ko Homu e Rio Quati. Nas Comunidades de Boa Vista encontra-se a aldeia Ko Homu, os quais são indígenas de etnia Kaingang, um assentamento da reforma agrária com cerca de 80 famílias e a comunidade do Recanto da Natureza, a qual é um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), com cerca de 40 famílias que estão há aproximadamente 20 anos à espera da desapropriação da área.

A maioria das comunidades são formadas por pequenos e médios agricultores. A produção que desenvolvem é de uma cultura diversificada. Destaca-se a produção de leite, fumo, soja e milho. Os moradores participam de organizações, entidades como sindicato, igreja e escola. A população que ali reside é do campo e retrata uma diversidade sociocultural, que se dá a partir dos sujeitos que em sua maioria são: agricultores familiares, assalariados rurais temporários, posseiros, meeiros, arrendatários, assentados e indígenas. Vários destes estão vinculados a alguma forma de organização popular.

Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP- 2019), o colégio estadual do campo Joany Guilherme teve início no dia 08 de fevereiro de 2010, disponibilizando apenas o ensino fundamental. No ano de 2011 foi implantado o ensino médio. Sua criação está regulamentada pela Resolução n° 4463/09, publicada no Diário Oficial do Estado em 11 de janeiro de 2010, Edição n°. 8136, p.15. E com isso definitivamente os estudantes da comunidade não precisariam se deslocar para a sede do município para concluir os seus estudos.

O nome do colégio é uma homenagem ao senhor Joany Guilherme de Lima, natural de Laranjeiras do Sul nascido no dia 19 de julho de 1937, primeiro filho do casal João Fernandes Lima e Maria Rosa de Lima. Joany Guilherme de Lima Pai teve seis filhas, foi casado com a senhora Ester Roth. Segundo relatos dos moradores antigos da comunidade, ele era um senhor muito estimado e bem visto por todos na comunidade, sempre disposto a contribuir com as famílias mais necessitadas. Foi presidente da escola Raquel de Queiroz, da Capela Sagrado Coração de Jesus e da comunidade por várias vezes. Foi catequista durante 15 anos e Ministro da Eucaristia por 20 anos. Joany Guilherme de Lima era um senhor do qual a comunidade sempre o viu com bons olhos. No dia 16 de junho de 2004 as 17h20min, sofre um acidente automobilístico no trevo que dá acesso a BR 158. E faleceu no local. Devido a todas essas contribuições dadas a comunidade, por meio de votação teve seu nome escolhido para ser o nome do Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima. Em relatos da diretora do colégio Rosângela Negreli.

Assim, este texto buscou registrar os desafios apresentados a partir de relatos da comunidade de Passo Liso e do colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima e comunidades vizinhas. A pesquisa resgatou documentos da Escola: PPP, Regimento, Planejamentos docentes, o livro sobre a história da Comunidade e outros; também foram fotografias, livros de registro de classe. Para compreender a formação da escola e da comunidade foram entrevistados professores e moradores que residem a mais tempo na comunidade e trabalham na escola.

O resultado das pesquisas e das entrevistas foram elencadas aos princípios e fundamentos da Educação do Campo. Foi necessário uma revisão bibliográfica no sentido de entender a produção da Educação do Campo e das escolas do campo, gerar uma compreensão no âmbito do direito e do reconhecimento do diálogo com uma realidade específica, muitas vezes, excluída e negada nos bancos escolares, onde os professores/as nem sempre conseguem aproximar os conhecimentos e reflexões em ferramentas para superar os processos de desigualdades que determina a exclusão dos povos do campo de uma educação e de uma escola que possibilite o desenvolvimento integral dos camponeses. Isso demonstra a necessidade de lutar pelo direito de educação de qualidade no campo brasileiro.

Assim, definimos como objetivos específicos para o trabalho, situar geograficamente e historicamente o Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima, e os sujeitos que fazem parte da comunidade. Neste sentido, foram realizadas entrevistas com pais, antigos professores, estudantes que já estudaram no colégio, e pessoas da comunidade em geral. Foi realizada a leitura e a sistematização dos principais documentos que embasam a Educação do Campo e a atual política educacional do Paraná, buscando entender os aspectos da Educação do Campo presente no colégio.

Nesta pesquisa com os antigos moradores da comunidade, sobre as primeiras escolas, busca relatar e compreender a história de antigos moradores, que começaram a comunidade de Passo Liso e a vida desses sujeitos. Também consultamos os relatos do livro “A História da Comunidade Passo Liso: Passado de um Povo Presente”, onde identificou-se os princípios da Educação no Campo.

O texto está organizado em três itens, onde o primeiro traz a contextualização de Educação do Campo, as diferenças entre ela e a educação rural, buscando compreender o projeto de campo da agricultura camponesa e do agronegócio para assim, estabelecer conexões entre o projeto de campo e a educação escolar. Neste sentido, reafirma-se que a educação do campo se origina das lutas dos trabalhadores do campo, diferente da educação rural que é um projeto do sistema capitalista, para manter a hegemonia da educação numa perspectiva dualista, que não respeita a cultura e modo de vida do campesinato.

No segundo item, a partir da pesquisa com os antigos moradores, recuperamos a história sobre as primeiras escolas que teve na comunidade, também conseguimos a partir da leitura do livro que conta a história da Comunidade Passo Liso: Passado de um Povo Presente, o levantamento dos dados que demonstra a identidade de sujeitos do campo, presente nas formas de trabalho e do modo de vida camponês.

Por fim no terceiro item, apresentaremos as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola e diálogos sobre os princípios e matrizes da Educação do Campo. Realizada uma breve descrição da ação que se buscou perceber, a questão da realidade e dos fundamentos construídos no colégio do Campo, elencamos três fatores que são possibilidades efetivas do trabalho pedagógico podendo evidenciar a importância da percepção por parte do colégio junto com os sujeitos, em uma escola do Campo, contradições entre as práticas que não se aproximam do almejado em uma escola camponesa, sendo eles a gestão democrática, a matriz da história e da cultura e o estudo da realidade, onde, de fato, não se aplica a educação do campo em sala de aula.

Nas considerações finais apresentamos as impressões e as sínteses que desenvolvemos a partir da pesquisa, apontamos a necessidade de formação inicial e continuada de professores e da gestão escolar. Também consideramos a necessidade de trabalho e acompanhamento efetivo dessas escolas pela comunidade com participação direta da comunidade e uma equipe especializada, que dê suporte a essas escolas e ao coletivo, e ainda a participação direta de estudantes e da comunidade em questões estruturais, como o currículo e a organização escolar.

## **2 ASPECTOS HISTÓRICO E SOCIAIS: A ORIGEM DA COMUNIDADE E A CONSTITUIÇÃO DA ESCOLA**

A comunidade Passo Liso está localizada aproximadamente a 18 km a nordeste da cidade de Laranjeiras do Sul a qual pertence. Encontra-se as margens da BR 158 e é cortada na direção leste e oeste na Serra do Passo liso pela estrada de Ferro/Paraná Oeste S/A (FERROESTE). Era composta por três fazendas, a Passo Liso, Manada do Burro e a Fazenda Nova, que, com o passar dos anos, foram sendo divididas e os lotes menores adquiridos pelas famílias que chegavam à localidade (PPP, 2023).

Segundo dados levantados no livro da história<sup>1</sup> da comunidade a população é composta por pequenas e médias propriedades, agricultores familiares, assalariados rurais temporários, posseiros, meeiros, arrendatários, assentados, indígenas esses expressam a preocupação com a educação que seja inserida no seu dia a dia, que contribua com ambiente familiar e com a comunidade. (TEIXEIRA; NEGRELI, 2012). A produção que desenvolvem é diversificada, destaca-se a produção de leite, fumo, soja, milho e feijão. A escola busca

---

<sup>1</sup> O livro é intitulado - A História do Passado de um Povo Presente, escrito por João Maria Teixeira e Rosângela Negreli, livro ainda não publicado.

alternativas para contribuir incentivando as crianças a plantar na horta e em suas casas, cultivando o amor pela terra e assim, permanecer na comunidade.

Na comunidade local residem 63 famílias e uma população total de 243 moradores. Considerando as comunidades no entorno desse distrito, soma-se 3.200 habitantes, segundo levantamento do Censo Populacional IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE, 2022).

Buscando compreender a comunidade do Passo Liso, identificamos que ela teve início, por volta do ano de 1920, por colonos vindos de Curitiba e Santa Catarina. Segundo dados levantados em uma pesquisa feita por João Maria Teixeira, para o livro da comunidade, essas terras eram habitadas por indígenas das etnias Caingangues e Guaranis. Com a chegada das famílias não indígenas, estes foram sendo afastados para outro local dentro da área e, mais tarde, nos anos de 1940 a 1960 foi criada, pelo órgão federal Serviço de Proteção ao índio (SPI), a reserva indígena de Boa Vista do Passo Liso (TEIXEIRA; NEGRELI, s/d, p. 30).

A história da escola está presente no PPP do colégio, registra como ocorreu o processo para a criação da escola, as necessidades que a comunidade tinha de uma escola que solucionasse a falta de conhecimento escolar, e ao mesmo tempo fosse voltada aos interesses dos sujeitos da comunidade de Passo Liso e das comunidades ao seu entorno.

Neste sentido, a Educação do Campo busca superar a visão individualista do mundo, defendida em vários espaços e que atingem os estudantes da escola pública. O que se percebe é que a Educação do Campo é entendida e pensada a partir da diversidade existente no campo, implicando assim na construção de políticas públicas que visem assegurar o direito que todos têm à igualdade, respeitando as diferenças nos processos históricos, econômicos, culturais e sociais na realidade objetiva de cada escola, ou seja, na realidade do campo e que esses processos históricos são construídos pela sociedade e podem ser transformados por ela, a sociedade pode construí-los, como também pode transformá-los (ALMEIDA, 2015.).

## 2.1 A LUTA PELA ESCOLA DO CAMPO E OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

A Educação do Campo nasce em um momento de acirrada luta dos camponeses por direitos, entre eles a educação e escolas de qualidade no campo, por meio de reivindicação as organizações e movimentos sociais de luta pela terra e políticas públicas no campo, pensada a partir das demandas dos sujeitos. Para CALDART,

A Educação do Campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos sem-terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade. (CALDART, 2008, p. 71).

Para CALDART, a Educação do Campo remete a um processo de identidade, constituída na relação entre terra, trabalho e cultura a ser compreendido conforme a realidade dos sujeitos que integram o campo onde a Educação do Campo deve proporcionar várias alternativas e possibilidades onde o sujeito, busca uma educação que deve ser no e do campo. No porque “o povo tem o direito de ser educado onde vive. Do, pois, o povo tem o direito a uma educação pensada desde seu lugar e com a sua participação, vinculada a sua cultura e as necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2002, p. 26).

Já no que se refere a Educação Rural foi introduzida como modalidade de ensino a partir da proclamação no ano de 1889, para atender os sujeitos das áreas rurais. Para TORRES; SIMÕES (2012), a Educação do Campo é o rompimento com a Educação Rural. Para eles, era necessária ações educativas e formação de professores, que pudessem interpretar e acolher o cotidiano dos estudantes para ser trabalhados, a partir dos conteúdos da escola e considerando a especificidade dos sujeitos do campo. (TORRES; SIMÕES, 2012, p. 2). Os autores, caracterizam a educação rural, através das salas multisseriadas, e os desafios, as dificuldades de deslocamento dos estudantes e professores, que buscavam o direito ao ensino e aprendizagem.

A escola era entendida como o lugar de aprender a ler, escrever e fazer conta. A Educação do Campo alarga essa apropriação do conhecimento, pautando que todo estudante deve ter acesso ao conhecimento historicamente produzido e que a escola é o local de possibilidades, e entender os aspectos e elementos da realidade, entendendo o processo pedagógico, enquanto instrumento de fortalecimento da identidade e a cultura onde os sujeitos estão inseridos. Isso implica em formação de professores para atuar nesses espaços, formação adequada com conhecimento em relação aos que lutam para ter acesso a uma educação de qualidade (TORRES; SIMÕES, 2012).

A escola do campo é uma proposta onde visa a formação dos sujeitos do campo, a valorização no que diz respeito ao contexto da agricultura e atividades camponesas, como estratégias para a superação das desigualdades no campo. Os aspectos pedagógicos e metodológicos precisam e podem problematizar o desenvolvimento das famílias o acesso à terra e aos recursos naturais, estabelecendo uma especificidade própria, dos sujeitos que

vivem do seu trabalho com a terra, considerando os costumes, o modo de vida. A escola precisa entender a realidade camponesa, sobretudo o que implica em saber como identificar como essa população que vive da terra, se organiza a partir de saberes próprios. Cabe assim, a escola do campo, identificar elementos que forneçam subsídios para organização dos trabalhos pedagógicos e a formação das novas gerações.

A partir dos princípios e fundamentos da Educação do Campo é possível conectar a produção de conhecimento científico e do conhecimento popular, isso exige do corpo docente e dos trabalhadores em educação construir métodos de ensino que contribuam para pensar novas formas de desenvolvimento nas comunidades rurais. Para Arroyo,

[...] a escola do campo, o sistema educativo do campo se afirmará na medida em que se entrelacem com a própria organização dos povos do campo, com as relações de produção camponesa – vizinhança, família, os grupos, enraizar – se aproximar as formas de vida centrada no grupo, na articulação entre as formas de produzir a vida (ARROYO, 2006, p. 114).

Os depoimentos a seguir remete as formas como os estudantes e egressos compreendem a escola e a vida na comunidade, os elementos destacam a visão de uma história onde a mesma é vivida por qualquer pessoa, ou seja, onde qualquer pessoa pode ser um sujeito histórico, também traz consigo uma visão da história vista como consequência, ou seja, ao colocar que “os acontecimentos ocorridos no passado refletem no presente”, percebe-se um entendimento de que a história ocorrida no passado gera consequências em nosso presente, uma visão de História como um estudo do passado para se entender o presente.

Estudei numa escola rural. Sou filho de uma família rural, minha mãe continua lá, na comunidade, meu pai viveu sua vida inteira muito apaixonado pela plantação, faleceu dizendo que lá era seu lugar. Estudei na escola Raquel de Queiros, escola rural por dois anos, 4ª série, na época não tinha o 5ª ano, e por gostar de estudar fiz a 4ª série novamente. Lembro de minha escola, não como uma escolinha pobre. Tenho uma lembrança muito boa da minha experiência na escola rural e é por isso que falo. É possível recuperar a educação básica, recuperar o saber, a cultura, a ética, recuperar os valores próprios de uma educação básica no campo. (Fonte: GOBBI; 2023).

Quando questionada sobre como a escola trabalhava as peculiaridades dos estudantes da Educação do Campo durante as aulas e se ela enquanto aluna e sujeito do campo se adaptava a realidade vivida no âmbito escolar, quais eram as conexões entre o ensino e a realidade vivida pelo estudante.

Nasci na comunidade do Passo Liso, cresci sempre indo na escola mesmo sem ser matriculada, devido meu tio ser o professor Joao Maria Texeira estudei o ensino fundamental na escola Raquel de Queiros e o Ensino Médio incompleto no Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima, aí casei e terminei o ensino médio no supletivo. Agora estou fazendo minha graduação em Educação do Campo na Universidade Federal da Fronteira Sul, e meus estágios estou fazendo no Colégio

Estadual do Campo Joany Guilherme. Pretendo fazer todos os estágios neste colégio e futuramente ser uma das professoras deste colégio. (Fonte Frederico, Z; 2024)

A fala da entrevistada revela que em muitos casos e por muito tempo a escola presente no meio rural era ocupação do professor, sem a sistemática e o controle do Estado e dos governos, que a luta para estudar estava permeada por processos como o casamento e a constituição de uma família e que no campo isso ocorre com pouca idade. A Educação de Jovens e Adultos acabava sendo uma alternativa para os sujeitos, sobretudo as mulheres. No caso específico da entrevistada, não apareceu elementos que pudessem conectar a educação escolar e os princípios e fundamentos da Educação do Campo, o que nos leva a entender que isso não era algo desenvolvido intencionalmente na prática pedagógica, muito embora, caiba destacar a força de vontade para continuar os estudos e o compromisso com a comunidade, em voltar para escola e atuar como docente, mesmo durante o processo da graduação.

## 2.2 A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE NA ESCOLA DO CAMPO: FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E CONQUISTAS LEGAIS

A Educação do Campo é um instrumento onde os sujeitos, acompanhado da comunidade, que considera o processo histórico, tem como característica uma educação que se desenvolve sendo acompanhando da trajetória dos sujeitos e da sociedade. É preciso ressaltar que em suas concepções e princípios a Educação do Campo, considera a cultura presente na zona rural. Tem o compromisso de combater o analfabetismo, elevar a escolaridade dos sujeitos, a cultura e também o desenvolvimento social e econômico. Cobra políticas públicas e busca garantir condições de acesso e permanência nesse espaço, com qualidade de vida integral, o que implica em oportunizar a participação de todos/as aos conhecimentos e a produção humana construídas ao longo da história da humanidade.

Parece-me que é urgente pesquisar as desigualdades históricas sofridas pelos povos do campo. Desigualdades econômicas, sociais e para nós desigualdades educativas, escolares. Sabemos como o pertencimento social, indígena, racial, do campo é decisivo nessas históricas desigualdades. Há uma dívida histórica, mas há também uma dívida de conhecimento dessa dívida histórica. E esse parece que seria um dos pontos que demanda pesquisa. Pesquisar essa dívida histórica (ARROYO; 2006, p.104).

Outro fator determinante para o processo formativo assumido como princípio na Educação do Campo é a identidade, nesse caso dos sujeitos do campo, e das comunidades rurais, através de ações coletivas e educativas, tentando incidir para a vida no campo. A

experiência acumulada pelas comunidades camponesas, as práticas do mundo do trabalho e de luta do campesinato tem sido um marco histórico, capaz de gestar outras possibilidades educativas, sejam na escola ou fora dela.

A identidade de um lugar seria deste modo, a expressão da adaptação, da assimilação, da acomodação e da socialização do conhecimento. O lugar seria um centro de significações insubstituível para a fundação de nossa identidade como indivíduos e como membros de uma comunidade. (FERREIRA, 2000, p. 68).

Historicamente a sociedade brasileira não oportunizou educação para as populações do campo, ressalta concepção da sociedade elitista e classista. Uma proposta educativa urbano Centrica (FERNANDES, 2007, p.17), que carrega uma concepção de campo como lugar de atraso e de uma população de segunda categoria, o Jeca Tatu. (FERNANDES, MOLINA, 2005, p.68).

A Educação do Campo incorpora uma educação com a especificidade do povo camponês e assim, busca práticas associadas a concepções metodológicas adquiridos e vivenciados junto as comunidades camponesas, propiciando uma educação construída a partir de ideias e práticas, onde todos fazem parte, da organização, desde o uso da terra, a diversidade dos conhecimentos adquiridos ao longo do tempo. A educação do Campo se concentra na luta de uma concepção que oriente os sujeitos do campo em práticas que não fiquem reféns da lógica construtiva para poder ir exatamente além dela enquanto projeto educativo (CALDART, 2004, p.18).

Assim, busca a formação integral dos sujeitos, associada ao direito de ir e vir, direitos por uma formação no lugar onde vive e na escola mais próxima, escolas destinadas ao povo do campo, com melhorias na condição de vida humana de cada sujeito; que busca por uma educação que não desvalorize a dignidade do ser humano; na defesa da educação como direito humano. Para MENDES (2017), a luta pela Educação do Campo tem uma proposta que busca formação e valorização camponesas no desenvolvimento dos sujeitos. Uma luta travada não apenas por educação e escola no campo, mas, sobretudo um modo de viver o entendimento do espaço como um lugar de vida, para as populações que ali vive e trabalha.

Em relação ao contexto legal, os avanços na legislação, no que tange ao projeto educativo construído a partir do campo e do campesinato, as diretrizes curriculares aprovadas em 2002, compreende os diferentes modos de viver e a diversidade de sujeitos relacionados ao campo. Tendo costumes e modo de viver e trabalhar no campo, com diferentes meios de ver e relacionar com o tempo, espaço, modo de viver e de organizar a família, comunidade, trabalho e educação. São sujeitos “[...]que vivem e trabalham no campo, como: pequenos

agricultores, povos indígenas, camponeses assentados, povos da floresta, caboclos, meeiros, boias-frias, entre outros” (KOLLING; CERIOLI; CALDART 2002, p.11).

Trabalhamos por uma identidade própria das escolas do meio rural, com um projeto político-pedagógico que fortalece novas formas de desenvolvimento no campo, baseadas na justiça social, na cooperação agrícola, no respeito ao meio ambiente e na valorização da cultura camponesa. (CALDART, 2002, p,81).

No caso do Paraná, a Educação do Campo ganha coroa a partir de 2003, quando é instituído o Departamento de Educação do Campo e, a partir de então, foram construídos vários documentos que orientaram as escolas desde o ponto de vista pedagógico, as condições estruturais e comunitárias. Essa ação desencadeou uma série de debates e ações no sentido de concretizar as escolas do campo. Desde 2010 por meio da Resolução n.º 4783/2010-GS/Seed orienta as escolas públicas paranaense no campo, e se consolida como instrumento de disputa de comunidades camponesas, de crianças e jovens estudantes das escolas localizadas no campo paranaense.

Em esfera nacional a Lei de Diretrizes e Bases na Educação Nacional LDB (Lei nº9.394/96), em seu artigo Art. 1º garante o direito a educação. Isso “abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (LDB, 1996, p. 01).

A partir do final da década de 1997, em muitos estados brasileiros, representados no Encontro Nacional dos Educadores de Áreas de Reforma Agrária e da Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo, criaram articulações estaduais e regionais para debater e propor ações efetivas visando, educação e escolas do campo.

Isso garantiu a Resolução CNE/CEB 1, de três de abril de 2002, institui as diretrizes operacionais para a Educação Básica nas escolas do Campo, em 2008 e a Resolução Nº 2, DE 28 DE ABRIL DE 2008, estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo.

A conquista política nesse período, chega no chão da escola com ações que levam desde a mudança pedagógica, a mudança de concepção e identidade, expressa nos nomes das escolas, na qualidade do atendimento e na participação das comunidades vinculadas as escolas.

A Educação do campo, assim representa luta e conquista, não apenas na legislação, mas na participação política dos sujeitos na definição dessas políticas. A conquista política é

pedagógica, no sentido que garante a aprendizagem no ato de participar, de definir os rumos da história e as definições sobre a vida.

A participação da comunidade a partir das conquistas efetivadas na luta política, move a comunidade a assumir as decisões no que tange as perspectivas de vida e desenvolvimento, entendendo a escola como centro cultural, social, de relações humanas que além de ensinar, a partir das questões da realidade, incide sob o cotidiano dos sujeitos.

Neste sentido a escola precisa estar disposta a aprender com a comunidade, ampliar o horizonte comunitário, capacitando para situações reais e para entender o mundo e não apenas a palavra, compreender o povo a partir da luta pela educação, por saúde pública, por segurança e tantas outras questões que a comunidade demande.

Assim, nos próximos itens, nos desafiamos a olhar como a Educação do Campo se materializa no chão do colégio estadual do campo Joany Guilherme de Lima, na comunidade Passo Liso, em Laranjeiras do Sul/PR.

Neste sentido, olhamos para a constituição histórica da comunidade e da escola e também para o fazer pedagógico da escola junto as estudantes e a comunidade de seu entorno.

### **3. A COMUNIDADE PASSO LISO: RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE – ESCOLA É MAIS QUE A ESCOLA**

Quando falamos em princípios da Educação do campo, não podemos desconsiderar a relação com a comunidade, com a organização social e cultural dos sujeitos, suas histórias e sua relação com a terra e com a vida.

A partir da pesquisa no livro da comunidade, averiguou-se que no início da década de 1960, a aldeia foi extinta por ordem do governador Moises Lupiõn. Os índios que ali residiam foram levados para as aldeias de Rio das Cobras e Marrecas. Segundo entrevistado relatou que o governador tituló as terras com escritura pública a não indígenas. No ano de 1975, os indígenas, amparados por uma lei federal, voltaram à antiga aldeia e iniciou-se uma luta judicial pela posse da terra. A luta entre índios e colonos se arrastou por aproximadamente 14 anos, e até os dias de hoje nada se resolveu (TEIXEIRA; NEGRELI, s/d).

Édson Valério, filho do senhor Nazeazeno Simões, em entrevista no dia 09/08/2023, destacou que as primeiras famílias que chegaram na comunidade, encontraram muitas dificuldades e levavam uma vida muito simples, fabricavam seus próprios móveis, e não

existia energia elétrica, as moradias eram feitas de tábua lascada e cobertas de tabuinhas. Na época não havia serrarias as árvores eram derrubadas pelos moradores e com machados lascavam as tábuas com cunhas e machados.

Fotografia 1. Imagem das Primeiras Moradias na Comunidade Passa Liso



Fonte: TEIXEIRA; NEGRELI, s/d, p. 09

Hoje na comunidade somente há alguns dos filhos dos pioneiros que ainda vivem ali. A maioria foi embora buscar novas oportunidades. Os que permanecem na comunidade buscam por mudanças para se manter e melhorar o desenvolvimento da localidade, buscam junto aos órgãos competentes, projetos para melhorias na área de educação, saúde e agricultura para que os sujeitos permaneçam ali.

A escola tem a possibilidade de aglutinar as famílias, dimensionar desde os primeiros anos, quando da chegada das primeiras famílias, ela já era uma preocupação. Dentre as dificuldades elencadas no período atual destaca-se a falta de vínculo dos professores e da equipe da direção com a comunidade escolar. A grande maioria mora na sede, em Laranjeiras do Sul, e se desloca até a escola para dar aulas e voltam ao final delas.

Esse processo não tem possibilitado o vínculo entre a vida comunitária. Muitos desconhecem o cotidiano e os desafios dos estudantes e de suas famílias. A falta de conhecimento não permite que questões importantes da realidade sejam consideradas nas práticas pedagógicas. Neste sentido na sequência do texto trataremos das primeiras escolas, buscando estabelecer conexões entre as permanências e mudanças no decorrer do tempo.

### 3.1 AS PRIMEIRAS ESCOLAS

A primeira escola datada em 1942, foi criada através de reivindicações da comunidade, junto aos órgãos competentes que na época ficavam no município de Guarapuava. O local foi cedido por um morador, que possuía uma casa grande sem uso (TEIXEIRA; NEGRELI, s/d).

A casa funcionou como escola, e como moradia do professor. O primeiro professor foi Adão Pupinig. Sua família vinda da Europa fugia da guerra civil e entrou no Brasil pela Argentina. Com boa formação, sendo uma boa pessoa sabia lidar como o povo, morou na escola com sua família. Apesar de possuir poucos materiais didáticos, dedicava-se ao seu trabalho com empenho. Seus estudantes tinham idade avançada, entre 12 e 18 anos de idade. Apesar de quase adultos, respeitavam muito o professor (TEIXEIRA; NEGRELI, s/d).

Segundo os relatos encontrados no livro da história da comunidade, não há como precisar quem pagava o salário do professor, se os órgãos públicos ou os pais dos estudantes, mas acredita-se que eram os pais por serem os principais interessados na educação dos filhos. Na escola trabalhava-se apenas com os anos iniciais. No ano de 1968 foi construída uma sede definitiva, a qual era denominada por escolinha. (TEIXEIRA; NEGRELI, s/d).

A fotografia nº 2, pertence ao arquivo pessoal de João Maria Teixeira. Podemos observar a primeira escola. Uma casa cedida por um dos moradores, ela ficava localizada na fazenda Manada do Burro, hoje distrito de Passo Liso e data de 1942.

Fotografia 2: Imagem da Primeira Escola construída na Comunidade Passo Liso



Fonte: TEIXEIRA; NEGRELI, s/d, p.4

Durante a pesquisa foi possível ter acesso a diversos materiais antigos, na imagem abaixo é possível observar o termo de abertura do diário escolar datado de 02 de abril de 1946. Nele consta o termo de abertura do diário de classe da escola da comunidade de Passo Liso assinado pelo então prefeito Alcindo Natel de Camargo. Nessa época, Laranjeiras do Sul era capital do Território do Iguçu, e tinha por governador o coronel João Garcez do

Nascimento, nomeado em 6 de janeiro de 1944 pelo presidente da República Getúlio Vargas (TEIXEIRA; NEGRELI, s/d).

Fotografia 3. Termo de Abertura do Livro de Registro de Matrículas do ano de 1946.

**TERMO DE ABERTURA**

Servirá este livro para ponto diario dos alu-  
nos matriculados na Escola Municipal de  
Tasso Liso

Suas folhas em numero de 25 vão rubri-  
cadas por mim Prefeito Municipal, com a rubrica  
Acindo N. Camargo de que faço uso.

Ensino Municipal, em 2 de  
abril de 1946.

Pref. Municipal  
Acindo Natal de Camargo

Fonte: TEIXEIRA; NEGRELI, s/d, p. 50

Neste caso observa-se que o próprio prefeito se ocupava das questões das escolas, de termos de abertura, dentre outros documentos. Um documento muito usado era o livro de chamada, este foi amplamente utilizado até meados dos anos de 2020, quando ganha força as

tecnologias digitais, inclusive com o Registro de Classe Online (RCO). Na fotografia 4, temos imagem de um livro de chamada do ano de 1946.

Fotografia 4. Registro de Classe da Escola Passo Liso, 1946.

CASA ESCOLAR MUNICIPAL DE <u>Passo Liso</u>																												
1 <sup>o</sup> 2 <sup>o</sup> ano		mês de <u>junho</u>		de 19 <u>46</u>		O Professor <u>a Maria Garcia Pi</u>																						
N.º de Ordem	Nomes dos alunos	DIAS																										
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23				
1	Elvontina de Castro	c	c	c	f	c	c	c	f	c	c	c	f	c	c													
2	Aldalvino Silviano	c	c	c	c	c	c	c	c	c	f	c	c	f	f													
3	Rosalia Karpstein	f	c	f	f	c	c	f	c	c	c	c	c	c														
4	Leolina Karpstein	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c														
5	Maria Lourdes Rodrigues	f	f	f	f	f	f	f	f	c	c	c	f	c														
6	Ruth Valeria	f	f	f	f	f	f	f	f	c	c	c	f	c														
7	Antonia Borges de Lima	f	c	c	c	c	f	c	c	c	c	c	c															
8	Ana Borges de Lima	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c														
9	Esperina Soares	f	c	f	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c														
10	Olimpia B. Lourenco	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c														
11	Angelina Ganassoli	f	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c														
12	Alabias Rodrigues	c	c	c	c	c	c	c	c	c	f	c	c	c														
13	Generoso Fernandes	f	c	c	c	f	f	c	f	f	c	c	c	c														
14	Getúlio Gabardo	f	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c														
15	Elpidio B. Lima	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c														
16	Joancia Lima	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c														
17	Pedro B. Lima	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c														
18	Lebastiana ganassoli	f	c	c	c	c	c	c	c	c	f	c	f	c														
19	Cleusa Pires Vieira	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f	f														
20	Candido Elvaz Pires Vieira	f	c	f	f	c	f	f	f	f	f	f	f	f														
21	Ana Rodrigues de Lima	c	f	f	f	c	f	c	c	c	c	c	c	c														
22	Emestina Rodrigues de Lima	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c														
23	Conceição Fernandes	f	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c	c														

Fonte: TEIXEIRA; NEGRELI, s/d, p. 51

Na primeira folha do livro de chamada, consta 23 matrículas. O senhor Getúlio José Gabardo relatou em entrevista para esse trabalho, que seus professores foram muito bons, mas bastante enérgicos. Os estudantes tinham, quase todos, idade avançada, a sala era pequena e a turma grande, aproximadamente 30 estudantes. O professor precisava manter certa autoridade para conseguir ministrar suas aulas. Getúlio lembra que muitos estudantes vinham de longe, alguns chegavam a percorrer dez quilômetros para chegar à escola. Por esse motivo, as faltas eram constantes. Ele mesmo encontrava dificuldade em chegar até a escola, pois embora morasse a dois quilômetros de distância, sofrera de paralisia infantil que o deixou com deficiência em uma das pernas, dificultando sua locomoção. Mesmo assim, não considerava

as dificuldades que tinha motivo para deixar de frequentar as aulas. (Entrevistado, Getúlio Gabardo, 02/08/2023).

Já o senhor Rubens Valério, entrevistado em 08/09/2023, relatou sob o tempo que estudou no Grupo Velho, nome dado ao grupo de pessoas que estavam matriculados por se tratar de pessoas com mais idade fora da idade certa para iniciar os estudos, nos anos de 1946 a 1948. Relata que foi estudante da Dona Eroni Cordeiro uma das professoras que ministrava as aulas em sua casa, e na hora do recreio o pai da professora, o senhor Pedro Guimarães Cordeiro, convidava os meninos maiores para puxar lascas de pinheiro para fazer cerca. O pagamento pelo trabalho era descontado na mensalidade do estudante. Devido à distância alguns estudantes costumavam se hospedar na casa do Senhor Rosalino Valério e voltavam para casa dos pais, apenas no final de semana. (Rubens Valério, 08/09/2023).

A escola Raquel de Queiroz, que atende estudantes dos anos iniciais e está vinculada a rede municipal de ensino do município de Laranjeiras do Sul, foi criada no ano 1959, através de mobilizações feitas na comunidade e levadas aos governantes do município. Esse era anseio de todos os moradores e pais de estudantes, que se tivesse uma escola onde seus filhos pudessem estudar na comunidade onde residiam e, assim, permanecessem na comunidade. Nessa época ela não tinha nome, era chamada apenas Escola. Ganha essa denominação apenas em meados dos anos de 1980, como veremos adiante no texto.

A professora Dona Lurdes Piemontês foi nomeada como professora e atuou entre os anos de 1959 a 1962. Tinha formação no ensino normal (magistério da época) que preparava para atuação nas áreas iniciais da educação e do ensino escolar.

Nessa época, as turmas eram classe multisseriada, ou seja, a professora atendia estudantes de diferentes turmas e diferentes idades na mesma sala. Esta era uma forma comum de organizar o ensino na época, sobretudo nas escolas do campo. O conteúdo era trabalhado ao mesmo tempo, sendo que a professora dividia o quadro para os que já sabiam ler e escrever e os que não sabiam. Na fotografia nº 5 podemos observar a Escola Isolada Passo Liso no ano de 1968.

Fotografia 5: Escola Isolada Passo Liso no ano de 1968.



Fonte: TEIXEIRA; NEGRELI, s/d, p. 55.

A Escola Isolada Passo Liso funcionou entre os anos de 1968 a 1976. A referida escola foi construída com recursos do município na gestão do prefeito Amandio Zieger Babinski, sendo promessa política na época. A comunidade alegou que foi mal construída, o que na avaliação dos moradores comprometeu a estrutura do prédio, que precisou ser escorado para não cair e machucar os estudantes e a professora.

A falta de um espaço adequado para um bom funcionamento da escola e a falta de profissionais qualificados foram os principais obstáculos para que a escola tivesse um bom funcionamento. Além disso registrou-se que a escola ficou por dois anos sem ter um professor habilitado. A professora Isabel Valério Pawlak, fotografia nº 6, foi nomeada em março de 1972 como professora da escola Isolada na comunidade de Passo Liso

Fotografia 6: Professora Isabel Valério Pawlak



Fonte: Arquivo pessoal de Isabel Valério Pawlak, 1972.

A professora Isabel Valério, em entrevista relatou que trabalhou por três anos na Escola Isolada, era considerada pelos estudantes uma excelente educadora, tinha em média de 25 a 30 estudantes, com idade entre sete e quinze anos. Os estudantes cursavam da primeira à quarta série. Segundo Isabel, ela morava a quatro quilômetros e fazia o percurso diário a pé.

Segundo relato de seus ex-estudantes, Dona Isa, como era carinhosamente chamada, não se abatia e procurava fazer o melhor possível, ensinando os estudantes com muito carinho e dedicação, sempre de bom humor. O que mais lhe dava orgulho era saber que alguns de seus estudantes tiveram a oportunidade de concluir os estudos e se tornaram professores (Isabel Valério 14/08/2023).

Em 1976, a Escola Isolada Passo Liso passou a se chamar Ney Amintas de Barros Braga, em homenagem ao ex-governador do Paraná. Em 1983, foi substituído em homenagem a escritora Raquel (Rachel) de Queiroz e, neste mesmo ano, assumiu como professor o senhor Lauro Teixeira. Ele morava na escola com sua esposa e filhos e lecionou entre os anos de 1976 até 1985 (TEIXEIRA; NEGRELI, s/d.).

Fotografia 7: Professor Lauro Teixeira



Fonte: Arquivo Pessoal de João Maria Teixeira, irmão do Professor Lauro Teixeira.

No ano de 1985, professor Lauro Teixeira deixou a profissão e foi trabalhar como telefonista. Em entrevista, seu irmão João Maria Teixeira, relatou que seu irmão se sentia muito satisfeito com o trabalho que realizou, muitos de seus ex-estudantes continuaram estudando e alguns chegaram ao ensino superior, como relata a professora Rosangela Negreli, uma das autoras do livro *Passado de um Povo Presente*, que registra a história da comunidade de Passo Liso, e que foi diretora da escola Raquel de Queiroz, em 2006. (João M. Teixeira, 2023).

Muitas foram as dificuldades enfrentadas pelos profissionais que passaram pela escola Raquel de Queiróz. Recuperar a história da escola e dos profissionais demonstra um fator relevante e diferentes da atualidade, além da persistência e da força de vontade em vencer as adversidades, percebeu-se o compromisso com a comunidade e com os estudantes. O

professor era sujeito participante e responsável por todo o processo educativo, vivia o cotidiano dos estudantes, as dificuldades para chegar à escola, a falta de estruturas e os riscos eram para todos e assumidos por todos.

Neste sentido, o compromisso comunitário era outro, assim o ensino tinha outro foco e determinação, não se vinha para escola por obrigação, ou por uma legislação específica, o ensino era desejado e considerado importante na formação dos sujeitos. A escola tem o compromisso de qualificar o futuro do estudante e da comunidade, sem necessariamente educá-lo para sair do campo, tendo como perspectiva o mundo do trabalho na cidade.

Em 2011, apenas foi construída e entregue o novo prédio da Escola Raquel de Queiroz. A inauguração foi em 01 de setembro de 2012, pelo então prefeito Berto Silva.

Fotografia 8: Nova estrutura da Escola Municipal Raquel de Queiroz, comunidade Passo Liso, Laranjeiras do Sul/PR.



Fonte: TEIXEIRA; NEGRELI, s/d, p. 62

No convite, podemos perceber questões relevantes quando fazemos ligação com a concepção e os princípios da Educação Rural, a primeira e talvez central aqui, está no nome da escola. A primeira superação reivindicada na construção da Escola do Campo é a superação do rural. As escolas isoladas, ou escolinhas rurais referem-se a um contexto histórico que precisa ser superado, pois carrega o histórico de uma educação urbano Centrica que não atendeu ao longo da história as necessidades do povo camponês.

Assim, embora pontuamos neste texto todo o avanço histórico empreendido na construção da Educação do Campo, vimos que ela ainda precisa de um longo caminho para ser efetivada nas escolas, a começar pela mudança da nomenclatura.

Relatos da comunidade expressam a discordância com o nome. O antigo prédio onde funcionava a escola, foi cedido integralmente para o colégio estadual Joany Guilherme de Lima, que até então não possui prédio próprio e desde 2010, usava o espaço em dualidade com a escola municipal.

#### **4. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO COLÉGIO JOANY E A CONSOLIDAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Quando trazemos a análise das práticas pedagógicas no contexto da Educação do Campo e da Escola do Campo, demarcamos desafios para consolidar os fundamentos e princípios da Educação construídas da luta camponesa, neste sentido a prática pedagógica das escolas está associada diretamente a formação do professor, seja ela inicial e continuada. HAMMEL; GEHRKE (2017) destacaram

A compreensão de que a formação de professores é constituída por relações circunstanciadas entre trajetória pessoal, profissional, percurso formativo e vínculo político-social. Logo, envolve trajetórias que vão desde a formação inicial, articuladas ao exercício da docência e à vida das comunidades camponesas, suas lutas, e as dos movimentos sociais. Isso tudo, a nosso ver, demarca a atuação do professor na escola/classe, logo, precisa ser considerado no exercício da formação continuada (HAMMEL, A. MARCOS, G., 2017, p. 20).

Compreender isso envolve considerar os elementos apontados pelos autores, portanto não podemos avançar nas práticas, sem inserir os professores e comunidade escolar no debate político sobre a questão agrária e o modelo de desenvolvimento no campo.

Neste aspecto a história da constituição do colégio e das políticas públicas para educação tem implicações diretas nas práticas pedagógicas, cabe destacar que algumas ações foram consolidadas desde as diretrizes curriculares no ano de 2002 e no Paraná em 2006.

Na sequência do texto adentramos melhor nas questões elencadas acima, desde a história do Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima e as práticas pedagógicas que coadunam para efetivação da Educação do Campo enquanto princípio e fundamentos para a escola do campo.

##### **4.1 O COLÉGIO ESTADUAL DO CAMPO JOANY GUILHERME DE LIMA: A EXPANSÃO DA ESCOLA EM COMUNIDADES CAMPONESAS E A EDUCAÇÃO DO CAMPO**

O Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima, Ensino Fundamental e Médio, nasceu da realidade da comunidade, construído continuamente num processo coletivo e participativo de decisões, buscando evidenciar o compromisso com a formação dos sujeitos do campo e a e a comunidade (PPP, 2023). Podemos dizer que a concepção do projeto construído, é capaz de compreender a dialética entre o campo e a educação, fazendo com que o PPP da escola seja realmente a expressão da intencionalidade do conjunto da comunidade escolar e a sociedade, aquela que não reproduz as condições históricas de alienação, dominação e expropriação da condição humana.

Segundo a resolução oficial da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, o colégio foi fundado em 2010, com a oferta do Ensino Fundamental (anos finais) e Médio. Até 2012 funcionou em dualidade administrativa com a escola municipal rural Raquel de Queiroz. Possui 4 salas de aula, dois banheiros, uma sala bem pequena para sala dos professores, e uma sala é dividida para equipe pedagógica e direção do colégio. O prédio já existe há 30 anos, foi construído em 1993 e somente em 2017 foi feita ampliação do espaço físico.

Ainda em relação a estrutura física, o saguão, biblioteca e a cozinha estão localizadas na estrutura da escola Raquel de Queiroz, que fica a 1000 metros do colégio. Todos os dias, inclusive dias de chuva, os estudantes se deslocam para lancha e fazer atividades na biblioteca. Além do tempo de deslocamento, em dias de chuvas a situação piora.

Nas imediações do colégio Joany também não tem um abrigo para os estudantes ficar em dias de chuva. As aulas de Educação Física, são realizadas com os estudantes no ginásio de esportes da comunidade. Não há um laboratório para as aulas de Ciências, Biologia, Física e Química com materiais pedagógicos para todos os estudantes, como vidrarias e reagentes. A falta de espaços coletivos, de socialização tem sido uma das limitações apontadas no trabalho pedagógico, bem como a perda de tempo durante o deslocamento entre os espaços e as dificuldades sobretudo nos dias de frio e chuvosos.

O colégio é considerado do campo, primeiro porque está localizada no campo e atende estudantes residentes no campo. Porém, desde as primeiras observações percebeu-se a necessidade de estudos, de planejamento e da reestruturação da organização do trabalho pedagógico, que envolve as práticas e também a própria forma escolar.

No último período, acompanhamos a orientação governamental, em especial no Paraná, para a plataformização do ensino, o que inclui aulas online, com docentes externos a escola. Esse pacote faz parte de uma estratégia de mercantilização da educação, como ação do neoliberalismo para educação, em especial nas redes públicas.

A orientação pedagógica para as escolas do campo, prevê a partir dos princípios e fundamentos da Educação do Campo, um planejamento coletivo e diferenciado a partir da realidade delas. Uma equipe diretiva que dialogue com os anseios e as necessidades da comunidade. Isso exige repensar a forma escolar, que inclui a participação dos sujeitos, a definição do currículo e das metodologias utilizadas.

Porém, a observação no colégio apontou que sua prática e organização do trabalho pedagógico, não se diferencia do que é feito na cidade, com alegações da equipe pedagógica e dos docentes, que os conteúdos são básicos e universais e, portanto, não há necessidade da especificidade. Essa postura nega o princípio básico da Educação do Campo, o diálogo com a realidade onde a escola está inserida. Percebeu-se ainda que no discurso, o coletivo escolar não nega o colégio enquanto, uma escola do campo, porém, na prática cotidiana não encontramos, nas aulas e na organização da escola, nem mesmo uma aproximação com os princípios e fundamentos da educação do Campo.

Outro elemento central que já apontamos aqui é a formação dos professores e as condições de carreira e trabalho. A precarização da formação, especialmente, no que tange a formação em instituições privadas e a distância, a perda de direitos trabalhista e a intervenção estatal na prática pedagógica não condizem com a possibilidade de efetivação de um trabalho efetivo nas escolas públicas, sobretudo no campo.

Assim, embora a conquista empreendida a partir dos anos 2000 a 2016, desde as Diretrizes Curriculares, as inúmeras resoluções e pareceres formulados o direito a Educação do Campo e a Escola do Campo, paralelamente a isso, houve todo um movimento que coadunou na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018 e, a partir daí, a abertura de tantos outros processos de destruição da escola pública.

As escolas do campo paranaenses, nesse sentido, vêm sofrendo com a precarização que tem se materializado no fechamento das escolas e na junção de turmas. Não se discute um projeto de escola atrelado a soberania do campo e de sua população, mas um projeto de gestão empresarial que nega a cultura e a vida nessas comunidades e que favorece ao êxodo rural.

O colégio estadual do campo Joany Guilherme de Lima, não foge a esse cenário, sobrevive a uma avalanche de determinações do governo estadual que não acumula para uma educação pensada, desde o seu lugar e com a participação dos sujeitos, vinculada a cultura e as suas necessidades humanas e sociais, como expressa ainda na Constituição Federal de 1988 e na LDB de 1996.

#### 4.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: DIÁLOGO ENTRE OS SUJEITOS DA ESCOLA E A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO.

Como vimos até aqui, a Educação do Campo surge em contraposição a Educação Rural, fruto da reivindicação dos movimentos e organizações sociais. Dentre os elementos de superação do antigo modelo escolar estão a participação da comunidade, dos sujeitos na definição do PPP e na organização e das práticas educativas, entre elas destacamos algumas práticas sistematizadas por HAMMEL; GEHRKE (2016), no quadro que segue:

**Quadro 1:** Práticas pedagógicas desenvolvidas na formação continuada de professores e no contexto das escolas.

<b>Práticas pedagógicas</b>	<b>Breve descrição</b>	<b>Ações identificadas na Escola</b>
Produção dos inventários da realidade.	Levantamento ou diagnóstico coletivo dos dados da realidade da escola e seu entorno. Constituição de um quadro síntese, denominado de inventário, com aspectos da cultura local, das formas de trabalho e organização, as fontes educativas do meio, as contradições locais. Cada elemento da realidade denominado ‘porção da realidade’, foi descrito com dados quantitativos e qualitativos para servir de material didático no trabalho pedagógico.	
Planejamento coletivo	O planejamento de cada docente foi elaborado coletivamente a partir do inventário da realidade da comunidade e dos conteúdos definidos para cada ano da escolarização. A partir das porções da realidade foram conectados os conteúdos escolares, os processos avaliativos e o trabalho socialmente necessário na escola e na comunidade. A pesquisa foi o articulador entre o conhecimento escolar e as porções, em cada escola, em cada turma os coletivos pedagógicos de docentes e de estudantes pesquisaram e estabeleceram pontos/porções que pudessem ser aprofundados nas aulas e devolvidos às comunidades em forma de trabalhos e de novas sínteses em relação aos conhecimentos e saberes comunitários.	
Produção da cartografia social da realidade das escolas e comunidades	A cartografia social foi um caminho construído em conjunto com inventário da realidade trouxe o contexto das comunidades camponesas para as escolas na linguagem cartográficas, mapeando questões relevantes no meio social que contribuem para o processo de ensino aprendizagem. Cada escola e em algumas situações, cada comunidade construiu sua cartografia, com elementos coletados	

	no inventário e traduzidos para os mapas. Além do exercício da prática da construção dos mapas, com as legendas, pontos de referências e com outros recursos necessários a esta linguagem, os docentes trouxeram matérias alternativas daquela realidade que queriam destacar. Dentre os pontos apareceu forte na cartografia o fechamento das escolas, a degradação do meio ambiente, a saída do campo e os marcos do trabalho, da cultura e da resistência nos diferentes espaços mapeados.	
Oficinas de artes	As oficinas de artes se desenvolveram a partir de três eixos: musicalidade, artes cênicas e artes plásticas. O foco foi a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, neste sentido teve recursos e metodologias apropriados e adaptados a este ciclo de vida humana. As atividades foram realizadas com as professoras, podendo assim retirar as dúvidas, recriar as ações e motivar para serem realizadas considerando os recursos ofertados no contexto das comunidades.	
Leitura	As práticas de leitura foram realizadas a partir de um viés interacionista da linguagem, no qual ler não é somente decifrar códigos e o sentido do texto. Ler, entre outras coisas, é atribuir significados e relacioná-los a outros textos. Além disso, a leitura efetiva faz relações com a cotidianidade e com as histórias de vida dos leitores, fazendo com que eles se coloquem no texto e/ou tragam o texto para seu cotidiano. A partir desse viés, oralidade, leitura e escrita se fizeram presentes de forma teórica e prática, voltadas a educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental.	
Escrita das histórias de vida das professoras e as experiências profissionais	A escrita é um desafio nas escolas, seja para os estudantes/as, seja para as professoras, este diagnóstico colocou como tarefa a escrita das histórias de vida destes sujeitos. As histórias e memórias acumulados por longos anos de docência na escola da comunidade revelou verdadeiras histórias de resistências, que luta cotidiana para manutenção destas escolas e das comunidades, isso foi criando um jeito específico de ser professor nestes espaços, expressos nas relações que criadas com as famílias, com os estudantes e com a política educacional.	
Experiências científicas (ciências da natureza)	Nas diferentes estratégias/recursos didáticos trabalhados nas oficinas foram escolhidas atividades que priorizassem o desenvolvimento da linguagem científica. A interdisciplinaridade foi incentivada e o seu uso estimulado como uma estratégia necessária para o ensino de Ciências da Natureza	

	<p>nas séries iniciais.</p> <p>As oficinas e ou atividades desenvolvidas na área de Ciências da Natureza foram: construção de um herbário, o uso da experimentação, produção de poemas, acrósticos e tirinhas com o intuito de mostrar e trabalhar a relação Ciências e Artes.</p>	
Jogo Cooperativos	<p>As oficinas de jogos cooperativos utilizaram-se da sobreposição entre competição e cooperação em jogos praticados pelos educadores. Os educadores vivenciaram na prática os sentimentos e comportamentos mobilizados ao jogarem nas diferentes condições. A partir dessa contraposição refletiu-se como aos jogos que jogamos moldam e condicionam nosso comportamento ao individualismo e a competição. Ponderando, como a vivência de cooperação através de jogos cooperativos pode contribuir para construir uma educação para a cooperação.</p>	
Horta Escolar	<p>A horta se configura para as escolas do campo como um laboratório vivo, fazer a horta possibilita discutir a agricultura com todos os seus desafios, é o espaço e tempo de fazer e experimentar o cultivo, o cuidado com a terra, com as sementes. Também é o momento de discutir a alimentação saudável, alimentação escolar e a soberania alimentar. Foram experimentados diferentes tipos de fazer a horta, agroecológicas. Os estudantes/as foram incentivados a fazer sua própria horta em casa com as mudas cultivadas em algumas escolas. Outra experiência importante foi o cultivo e o estudo sobre as plantas medicinais.</p>	
Escrita das crianças para produção do livro	<p>A escrita ganhou espaço central durante as formações do programa Escola da Terra, tanto para os estudantes/as, para as professoras e para os formadores. Na edição deste ano foi dada continuidade a escrita do livro das crianças, com o título “Escrevedores da Liberdade”. Esta tem sido uma iniciativa para que as crianças se tornem autores de suas histórias e não apenas copiadore de ideias prontas. Os textos são os mais diversos possíveis, conta do seu lugar, de suas brincadeiras, de seus sonhos, de seus desafios, da relação com a natureza, com o trabalho, enfim da sua vida e da expectativa de futuro. Ao trabalhar a escrita trabalhamos também a leitura e a biblioteca escolar e observamos quão carente são estes espaços nas escolas do campo e quão é necessário investir em leitura e escrita nestas escolas.</p>	
Reuniões com as	<p>As reuniões nas comunidades foram organizadas pelas professoras das escolas e pela tutora da</p>	

comunidades	secretaria. Estas reuniões tinham como objetivo coletar os dados para o inventário da realidade e discutir a estratégia de acompanhamento da escola. Também foram combinadas as visitas as áreas de degradação da natureza, as de conversações e outras que interessavam ao processo pedagógico da escola. A comunidade se organizou para receber a escola e as professoras e estudantes apresentaram a escola para a comunidade, com suas preocupações e seus trabalhos.	
Seminários de Educação do Campo	Os seminários foram momentos importantes de socialização, avaliação e divulgação dos trabalhos organizados nas escolas e nas comunidades do campo. Foram realizados seminários municipais e regional como momentos de sínteses, de debates e de devolutivas coletivas para a acadêmica, as secretarias de educação e a sociedade de forma geral. A pauta da escola do campo foi trazida como expressão de uma realidade contraditória e com fôlego em suas ações, ao mesmo tempo que trouxe a denúncia da opressão ocasionada pela opção de modelo produtivo assumido pelo capitalismo neste período.	
Mídias	O processo de formação em mídias foi desenvolvido na perspectiva de promover o espaço e tempo para os professores aplicarem os conceitos apreendidos na formação em matemática, bem como desafiá-los a desenvolverem a pré-produção de um vídeo aula relacionada ao ensino da matemática nos anos iniciais. Neste sentido, através do <i>smartphone</i> os docentes realizaram a aquisição de vídeo e de áudio para elaborarem um vídeo aula de matemática, com tempo máximo de duração igual a 10 minutos, contemplando conteúdos referentes à realidade do campo. Para este propósito, foram utilizados os recursos computacionais, tais como: editores de textos, de apresentações e de vídeos e de áudios, a fim de mitigar a quantidade de dias não letivos nas escolas do campo, devido às dificuldades de transporte enfrentados por estudantes e professores nos dias de chuva ou aos problemas mecânicos dos veículos.	
Agroecologia	A agroecologia é mais que uma forma de desenvolver a agricultura, é uma opção de vida, envolve as relações entre ser humano e natureza, entre a comunidade e o trabalho, a cooperação e a solidariedade. Nas comunidades onde se encontram as escolas do campo há muitas possibilidades de discutir o agronegócio, pois este modelo não atende a diversidade, a geografia e as relações que ainda	

	<p>existem nestes espaços. Neste sentido entender e fortalecer a agroecologia desde a escola é uma estratégia para sobrevivência dos camponeses e da escola do campo. Trabalhar com a agroecologia significou recuperar a diversidade de sementes, o trabalho em mutirão, as fontes de águas, as matas nativas, a importância dos insetos e dos animais na biodiversidade, enfim recuperar a importância de uma relação saudável entre ser humano, natureza e a vida no planeta.</p>	
--	--	--

Fonte: HAMMEL; GEHRKE, 2017, P. 30.

As práticas pedagógicas sistematizadas pelos professores, são fruto da aproximação e estratégias para responder as demandas da comunidade. As ações previstas no quarto perpassam por diferentes elementos, desde a agroecologia a produção da escrita das crianças, adolescente e Jovens. A partir dessa referência analisamos as práticas desenvolvidas no colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima.

Dentre os destaques, reforçamos aqui a presença dos sujeitos advindos do campo, de diferentes locais e famílias que convivem entre si com diferenças sociais, de gênero, raça/etnia, classe social, religião, cultura, experiências e costumes. O colégio não faz inventário da realidade, as questões levantadas são a partir de percepções espontaneístas trazidas sobretudo nas reuniões de professores.

Segundo o PPP do colégio há um público heterogêneo, com práticas e diferentes identidades, discursos e contextos que delimitam a diversidade na escola. Percebe-se que trabalhar com diversidade é um desafio a uma prática docente que visa uma educação de qualidade, democrática e de valorização dos sujeitos (PPP, 2023).

Dentre os problemas que a comunidade escolar aponta é o não reconhecimento e a valorização de sua cultura local pela escola. Alguns pais querem e acreditam que o ensino deve capacitar seus filhos para uma vida melhor, que é fora do campo, quase sempre ligado ao assalariamento, achar emprego na cidade. Outra questão são os preconceitos entre colegas, sobretudo com os indígenas, assentados e acampados e os demais estudantes, que não são trabalhados pelo colégio.

Percebe-se aqui que a falta do trabalho pedagógico que envolva o debate das relações étnicas, da cultura camponesa, e da identidade de cada povo coadunam para divergências internas, seja na escola, ou fora dela. No caso do colégio, perde-se uma excelente oportunidade de vincular as questões do campo, que emergem ali, pois é o espaço que reúne esses diferentes sujeitos, com os conteúdos escolares, aprendidos nessa fase da vida.

O levantamento feito dos estudantes no início do ano de 2024, apontou que ele atende a 125 estudantes do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio. Sendo que a maioria desses, são meninos, que tem entre 10 a 18 anos de idade, conforme quadro 2.

Quadro 2. Número de estudantes por Sexo.

<b>Sexo</b>	<b>Número de estudantes</b>
Feminino	48
Masculino	77
<b>TOTAL</b>	<b>125</b>

Fonte: Autor, 2024

Como apontamos até aqui, o colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima retrata a realidade do campo, mas não efetiva práticas pedagógicas que possam acumular desde os princípios e fundamentos da Educação do Campo, pois embora aponte questões da realidade no seu PPP e, em alguns dos documentos institucionais, isso não aparece no planejamento dos professores, que no último período tem sido orientado a seguir as orientações conforme o RCO, a BNCC, Aula Paraná, entre outras.

Vale considerar que a Secretaria de Estado tem documentos orientadores para as escolas do campo. Foi lançado no ano de 2022 um caderno para as escolas multianos no campo que apresenta orientações metodológicas para uso nas turmas bisseriadas. Essas orientações trazem vários elementos que perpassam e dialogam com os princípios e fundamentos da Educação do Campo, elencando a necessidade de a escola desenvolver um projeto de educação comprometido com o desenvolvimento humano, com capacidades que permitam os sujeitos intervir na realidade e transformá-la, com alternativas metodológicas que atendam e respeitem a pluralidade cultural existente nas comunidades camponesas.

A formação dos estudantes é voltada para edificar os sujeitos, não como meta a ser atingida num futuro distante, mas como prática efetiva de cidadãos autônomos, críticos e participativos, para atuarem com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem, esperando assim, que suas necessidades individuais, políticas e econômicas sejam atendidas.

Em entrevista com a equipe pedagógica do colégio Joany Guilherme de Lima sobre as práticas que desenvolve, foram listados alguns projetos, em parcerias com bancos e cooperativas privadas, tais como Jovem aprendiz Rural. Outros de iniciativa própria como as aulas de violão, algumas palestras com temas voltados a realidade camponesa. A equipe

multidisciplinar da escola procura desenvolver ações sobre a Consciência Negra, também foram desenvolvidas ações de proteção de fontes, onde várias famílias foram beneficiadas. Um projeto mantido pela escola é o projeto horta na escola, onde toda a comunidade é convidada a participar.

Assim, constatamos que os princípios e fundamentos da Educação do Campo, não aparecem em sala de aula. Na prática docente, algumas práticas esparsas são realizadas por meio de projetos pontuais. Desta forma o colégio precisa de um longo caminho para de fato garantir um ensino do campo, político e pedagogicamente vinculado à história, a cultura e as causas sociais humanas dos sujeitos do campo, assumindo as causas de quem trabalha e vive na comunidade camponesa e indígena, nesse caso. Identificamos que formas de avançar na concretização de uma Educação do Campo, no caso do colégio, precisa passar necessariamente por formação continuada de professores e da gestão, formação para pais e estudantes, política de acampamento e reestruturação das práticas pedagógicas e da forma escolar que preveja a democratização da gestão, a participação dos estudantes e da comunidade na definição do currículo escolar e a superação de uma visão mercadológica da educação, inclusive a do campo.

Vemos com preocupação o fato da ideologia burguesa, neoliberal, presente na escola, em contraposição as forças dos movimentos da Educação do Campo. É urgente enfrentar os desafios do fechamento das escolas, da precarização do trabalho docente e do modelo de campo defendido pelo agronegócio.

Isso passa por inserir práticas pedagógicas, onde o sujeito do campo tenha garantido o respeito a sua cultura, a sua identidade e sua opção de viver e trabalhar no campo, respeitando as especificidades e a diversidade do campo. Uma educação feita através de políticas públicas, construída com os próprios sujeitos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista as observações e análises feitas no colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima, podemos perceber como são grandes os desafios enfrentados de modo geral por pais, professores, estudantes que moram na comunidade para concretizar os princípios e fundamentos da Educação do Campo, isso inclui aspectos da formação inicial e continuada dos professores e gestão escolar, formação com a comunidade escolar, disposição

para trabalhar o novo, incluir os sujeitos na tomada de decisão, seja eles estudantes, professores e/ou pais.

Durante a realização da pesquisa foi possível perceber o processo de engajamento e luta dos moradores para garantir a escola na comunidade, desde a constituição da comunidade. Porém isso não se materializou em nenhum momento na preocupação com os aspectos pedagógicos da escola, limitando-se a oferta e não a organização e a forma escolar.

O PPP do colégio contém possibilidades de trabalho com a realidade do entorno da escola, as quais delinham a identidade institucional da escola e objetivam fortalecer as práticas pedagógicas coerentes com essa identidade. A análise feita na pesquisa demonstrou que isso não tem se materializado na prática dos professores, embora haja na escola projetos pontuais que visam contemplar a Educação do Campo.

O relato trazido aqui, apresentou a realidade da escola do campo na comunidade Passo Liso, pouco conhecida pela equipe de trabalho da escola, seja os professores, a equipe diretiva e/ou funcionários. O conhecimento desse coletivo, muitas das vezes limita-se ao marco situacional do PPP, isso faz com que grande parte da orientação pedagógica se limite as orientações enviadas pela Secretaria de Estado da Educação para o conjunto das escolas, o que não inclui considerar a diversidade e a especificidade do campo. Embora haja margem para isso, a escola desconhece e não se insere no processo. Dentre as possibilidades destacamos o “CURRÍCULO DO PRIORIZADO”, não mencionado nos diálogos feito com o coletivo da escola.

Percebemos ainda, durante o trabalho, um campo cheio de possibilidades de trabalho e de aprendizagem, porém um coletivo de professores e funcionários desmotivados, sem perspectiva de melhoria no trabalho e na carreira. O que reflete um quadro extremamente complicado para os trabalhadores da educação no estado do Paraná.

Por fim, vale destacar que o campo é um lugar onde há muitos saberes, contradições e resistência, principalmente por uma educação para emancipação humana, que se consolide como direito a educação.

O trabalho demonstrou a necessidade de construir estratégias efetivas das conquistas empreendidas pelo movimento da Educação do Campo chegar de fato as escolas do campo. Considerando aqui, os avanços consolidados na legislação, desde as diretrizes até as resoluções do último período, e também nas políticas educacionais voltadas as escolas do campo, porém esses insuficientes para garantir a um projeto educacional que atenda essas escolas, a partir dos princípios e fundamentos da Educação do Campo.

Assim, no colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima, na comunidade Passo Liso, em Laranjeiras do Sul, consideramos que há possibilidades de estudo podem ser originadas da problemática da realidade, de construir outra forma de organização das práticas e do trabalho pedagógico, porém requer ter uma maior atenção a essa escola, enquanto sua especificidade, seja essas da mantenedora, no caso, a Secretária de Estado da Educação, da gestão escolar e também da comunidade escolar como um todo, pois só assim será possível realizar um trabalho a partir dos princípios e fundamentos da Educação do Campo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.C. DALBEN, A; FREITAS, L.C.O. **IDEB: Limites e ilusões de uma política educacional**. Educação e sociedade. 34, p 125, 1153-1174, 2013. Disponível em: Acesso em 15 out. 2015.

ARROYO, M. G. **A escola do campo e a pesquisa do campo: metas**. In: MOLINA, M. C. (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do desenvolvimento Agrário, 2006. P. 103-116., p. 114)

ARROYO, M. FERNANDES, B. M. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. Vol. 2. Brasília. BF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 1999.

CALDART, R. S. **A escola do campo em movimento**. Currículo sem Fronteiras, jan./jun. 2002. Disponível em: Acesso em: 5 set. 2008.

CALDART, R. S. **Elementos para construção do Projeto Político-Pedagógico da Educação do Campo**. In: MOLINA, M. C. JESUS, S. M. S. Azevedo de (orgs). **Contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Vol. 5. Brasília, 2004.

CALDART, R. S. **Sobre Educação do Campo**. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Por uma educação do campo**. Incra/MDA. Brasília, 2008.

FERNANDES, B. M.; MOLINA, M. C. **O campo da Educação do Campo**. IN: MOLINA, M. C. e JESUS, S.M.S.A. (Orgs.). **Por uma educação do campo - contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. 2. ed. Brasília, DF: Articulação Nacional "Por uma Educação do Campo", 2005.

GEHRKE, M., HAMMEL, A. C. in: **Formação Continuada de Educadores das Escolas Multisseriadas e Escolas Itinerantes do Paraná: A experiência do Programa Escola da Terra**. Tubarão-SC, Editora Copiart, 2016.

KOLLING, J. E.; CERIOLI, Osfs in CALDART R. S. (Orgs) Brasília-DF. **Articulação Nacional Por uma Educação do Campo**. Editora ANCA – Associação Nacional de Cooperativa Agrícola – São Paulo-SP, 2002.

Lei Nº 9.394/96 – **Diretrizes e Bases da Educação Nacional** . Brasília - DF: Congresso Nacional. 23 de dezembro de 1996

MENDES, MM, **Especificidades da Educação e da Escola do campo: documentos oficiais e produção bibliográfica em análise** (1996-2016). Curitiba/PR, p.136, 2017.

PROJETO POLITICO PEDAGOGICO (PPP) do Colégio Estadual do Campo Joany Guilherme de Lima LARANJEIRAS DO SUL-PR, 2023.

SIMÕES, W.; TORRES, M. R. **Educação do campo: por uma superação da educação rural no Brasil**. Curitiba, 2012. Disponível em: Acesso em: 29 jan. 2022

TEIXEIRA, J. M; NEGRELI, R. **História da Comunidade Passado Liso: passado de um povo, presente para uma geração**. Não editado. S/d. LARANJEIRAS DO SUL-PR.

<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/mapas.html?localidade=&recorte=N3>.